

UM POTE ATÉ AQUI DE MÁGOA

As informações de que Mozart Neves Ramos, diretor do Instituto Ayrton Senna, seria convidado para o Ministério da Educação foram a gota d'água que detonou uma torrente de reclamações da Frente Parlamentar Evangélica. Integrantes do grupo tiveram uma reunião tensa com Onyx Lorenzoni, escolhido para a Casa Civil.

Eles não só reclamaram do perfil de Mozart, considerado um excelente técnico por acadêmicos, como também disseram que Bolsonaro, eleito com o apoio de religiosos, havia relegado os evangélicos após a vitória. Para conter a insatisfação, ficou pré-agendada uma reunião na transição na próxima semana”.

Até a indicação do ex Juiz Moro tem um caráter corporativo: Poder Judiciário. Para não falar na corporação do Exército, abundante, o que já vem criando melindres com as outras armas. Aqui, aliás, ele arrisca uma ruptura com o velho positivismo que Proclamou a República, separou a Igreja do Estado, promoveu o Nacional-desenvolvimentismo com os tenentes de Vargas ou generais de Geisel e que nos deixou o legado do Marechal Rondon no indianismo brasileiro : - Morrer se for preciso. Matar nunca!

-

Com este caráter e estilo de Governo Bolsonaro, nos próximos quatro anos, vai enfrentar o que as pesquisas de opinião apontam como prioridades para o país, nas quais, aliás, à corrupção cabe menor peso que atendimento à saúde e emprego, a saber:

1. Retomar o crescimento econômico, com maior auto-suficiência tecnológica, com reforço da C & T, associada aos Mestrados e Doutorados, impulso à indústria e retomada do emprego, com programas de incentivo à construção civil.
Impulso à educação em todos os níveis, mas, particularmente nos níveis básico e intermediário.
3. Combate à violência associada ao crime organizado, que além de controlar o sistema previdenciário e "zonas liberadas" em grandes cidades, acaba contribuindo para o elevado número de homicídios no país.
4. Reorganização do Estado com vistas à sua maior eficiência na prestação de serviços, sobretudo saúde, mediante redefinição de carreiras e diminuição das brutais distorções salariais no funcionalismo público, acrescidas de penduricalhos ao Judiciário, MP e Legislativo, as quais, aliás, acabam elevando o salário médio do setor público frente ao setor privado.
5. Combate à corrupção, sobretudo política, renovando quadros e processos.

A ver, pois, como o novo Governo vai enfrentar e com que ênfase e qual prazo tais questões.

O paralelo com o período militar 64-70 é pouco encorajador para a esquerda, que, então persistiu numa análise de tal forma pessimista sobre os horizontes

do regime que a levou à resistência armada, acabando atropelada pelos Anos de Chumbo - amparados pelo famigerado AI-5, aprovado em dezembro de 1968- e tendo que engolir, a contragosto, nos porões da ditadura e no exílio as notícias sobre o "Milagre Brasileiro". Melhor, pois, colocar as barbas de molho e evitar prognósticos catastrofistas que justificariam a hipostasia de Política, senhora do voluntarismo.

Sempre bom lembrar, a propósito: O que desmoralizou o regime militar no Brasil foi o humor do Pasquim, a ousadia de Leila Diniz e das belas mulheres que puxaram a passeata dos 100 mil no Rio, o canto dos Novos Bahianos, Chico e outros que despontaram nos Festivais da MPB ao final dos 60, o teatro de ARENA, Boal, Vianinha e alguns iluminados, na mesma época, além dos milhões de pequenos segredos contados anonimamente pelo Brasil afora. No rastro destes esforços um Partido liberal, o MDB, começou a recolher, como Alice no País das Maravilhas, nas retaguardas eleitorais, a partir de 73, os votos que diziam NÃO ao regime. E tudo acabou no espúrio COLEGIO ELEITORAL que fez TANCREDO Presidente em 1985, graças ao qual chegamos à
CONSTITUINTE.

A isso se dá o nome de tática da AÇÃO POLÍTICA, muito distante dos volumosos manuais de FILOSOFIA POLÍTICA que apontam para os grandes ideais da perfeição.

Não nos esqueçamos: "No entanto é preciso cantar"

Cantar e fazer o que, classicamente, na esquerda, chamávamos de BALANÇO E PERSPECTIVAS, no qual abundem visões críticas sobre os caminhos percorridos e horizontes sobre os caminhos a trilhar. O que se deve rejeitar é, definitivamente, o derrotismo, que se expressa, sobretudo pela tendência à vitimização, atribuindo a derrota apenas "ao Outro"...